



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
INSTITUTO DE ARTES (IDA)

VICTOR FERNANDES SANTOS

**A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO DESENVOLVIMENTO
DE NARRATIVAS**

Brasília

2020

VICTOR FERNANDES SANTOS

**A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO DESENVOLVIMENTO DE
NARRATIVAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a Ângela Barcellos Café

Brasília

2020

VICTOR FERNANDES SANTOS

**A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO DESENVOLVIMENTO DE
NARRATIVAS**

Relatório final, apresentado à Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciado em Artes Cênicas.

Brasília, 10 de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Ângela Barcellos Café (Orientadora)

Universidade de Brasília

Prof^ª. Dr^ª Fabiana Lazzari de Oliveira (Membro Interno)

Universidade de Brasília

Prof^º. Dr^º Fernando Antônio Pinheiro Villar de Queiroz (Membro Interno)

Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a minha família, por me apoiar nas minhas escolhas, principalmente na minha trajetória dentro da Arte, por desde criança me apresentar a essa área e valorizá-la. Aos meus pais que me incentivaram a estudar e ir atrás dos meus objetivos, que me proporcionaram experiências agregadoras no ensino.

Agradeço as minhas experiências teatrais na escola, que me fizeram ser apaixonado pelo teatro, por isso, a minha escolha de uma graduação em Artes Cênicas. Também, aos professores que me inspiraram a seguir carreira na docência, especialmente, ao Fernando Villar, Rômulo Mendes, Ângela Barcellos, Roberta Matsumoto e Rogério Póvoa.

Agradeço aos meus amigos por apoiarem meus projetos, minhas apresentações e trabalhos. Pelos meus colegas de turma, que nesses anos de graduação me agregaram tanto conhecimento, especialmente aos meus colegas de semestre.

Agradeço à minha orientadora, que me ensinou tanto sobre Contação de Histórias, nas disciplinas que fiz no curso e na orientação do TCC.

Agradeço aos meus alunos que sempre me ensinam e tornam meu dia e minha profissão mais prazerosa. Aos alunos que também fizeram parte dessa pesquisa.

RESUMO

Pretende-se com este trabalho de conclusão de curso a compreensão do impacto da prática de contação de histórias no ensino em Artes Cênicas, no que diz respeito à construção de narrativas. Observa-se a importância da disciplina de Arte para a educação no Brasil, e as propostas metodológicas possíveis para o desenvolvimento do aluno, nesta pesquisa, especificamente, a contação de histórias. A partir da minha experiência como professor, percebi uma dificuldade dos alunos em relação à leitura, oralidade e interpretação da história, por isso, resolvi pesquisar como a prática da contação de histórias pode ajudá-los. A minha proposta com essa pesquisa, por meio de uma metodologia de pesquisa etnográfica, é entender como a contação de histórias auxilia os alunos, focando no desenvolvimento da construção de narrativas a partir do contato com a prática e as consequências disso nos hábitos de leitura e escrita. A ideia veio da minha experiência e observação das consequências positivas geradas pela prática.

Palavras-chave: Contadores de Histórias; Interpretação; Narrativa; Leitura; Escrita.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação (%) da escolaridade dos alunos.....	31
Figura 2 - Relação (%) das respostas dos alunos acerca da pergunta: Você exercita a prática da leitura de forma regular, para além da obrigatoriedade da escola? Por exemplo, leitura de histórias em quadrinhos, livros, revistas, fanfics.....	34
Figura 3 - Relação (%) das respostas dos alunos acerca da pergunta: De maneira geral, você acha que as aulas te ajudaram a desenvolver um desejo de leitura?.....	35
Figura 4 - Relação (%) da resposta dos alunos acerca da pergunta: Você exercita a prática da escrita de forma regular, para além da obrigatoriedade da escola? Por exemplo, redações, poemas, histórias, músicas.....	36
Figura 5 - Relação (%) das respostas dos alunos acerca da pergunta: De maneira geral, você acha que as aulas te ajudaram a desenvolver sua escrita?.....	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. CAPÍTULO 1: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ARTES CÊNICAS.....	14
3. CAPÍTULO 2: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....	22
4. CAPÍTULO 3: O QUE PODEMOS INFERIR DA PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO.....	31
4.1. Sobre a turma.....	31
4.2 Experiência no Teatro/Contação de histórias.....	32
4.3 Contação de histórias e a leitura.....	34
4.4 Contação de histórias e a escrita.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
APÊNDICE 1.....	45
APÊNDICE 2.....	50
APÊNDICE 3.....	51
APÊNDICE 4.....	52

1. INTRODUÇÃO

Uma das coisas que eu sempre tive fascínio é o como as pessoas contam histórias, sendo elas pessoais, de suas próprias vivências, ou as inventadas, criadas, ficcionais. Não importava de onde vinha a história, se era minha avó, se era minha professora, se era um amigo, se era na televisão, eu prestava atenção em cada palavra e expressão da narrativa, muitas das vezes para depois repeti-las. Acredito que foi neste momento, quando criança, que começou minha paixão por ouvir e contar histórias.

Eu estava naquela fase da infância que gostava de perguntar sobre qualquer coisa. Lembro de uma situação que aconteceu o contrário, me fizeram uma pergunta: “O que você gostaria de ser quando crescer?”, e eu, com a imaginação farta de uma criança, respondi: “Eu quero ser o sol, um sol bem amarelo, que ilumina e aquece todo mundo”, na mesma hora riram da minha inocência e imaginação. Para responder à pergunta eu poderia ter dito qualquer profissão, que é o que normalmente as pessoas esperam, mas o interessante do mundo das histórias e da imaginação de uma criança é a infinidade de possibilidades que se têm de criação.

Lembro, também, de fantasiar com mundos diferentes, monstros, bruxas, poderes mágicos, uma realidade alternativa. Eu morei em prédio a maior parte da minha infância e tiveram duas situações daquela época que me levaram ao encantamento pelo mundo das histórias. A primeira foi quando os meninos mais velhos reuniram os pequenos para fazer uma sessão de histórias, sendo em sua grande maioria histórias de terror, já era começo de noite, e a grande ideia era assustar os pequenos, mas o que eles não imaginavam é que nós iríamos assustá-los. Quando a sessão de histórias de terror acabou, minha amiga Bianca teve a ideia de nos escondermos perto das escadas que sobe para os apartamentos, lá ficaria ela com o cabelo para frente parada, esperando os mais velhos subirem, quando eles chegaram no corredor e viram ela parada levaram um baita susto, e a gente caiu na gargalhada, depois eles se acabaram de rir também. Conseguimos trazer o universo do terror que estava sendo contado nas histórias para aquela brincadeira, o sentimento de medo e susto que tivemos ao ouvir as histórias traduzido numa pegadinha.

A segunda lembrança foi quando fizemos um piquenique. Estávamos brincando, e alguns começaram a reclamar de fome, surgiu então a ideia de um piquenique, e decidimos que cada pessoa desceria com algo para comermos. Arrumamos um pano para colocar no chão, organizamos as comidas e partimos para o ataque. Depois que todo mundo já tinha comido o bastante, alguém teve a ideia de cada um inventar uma história onde nela tinha que

ter todos que estavam ali. Cada um foi contando e dando detalhes dessa história, desse novo mundo, o mais legal era o quanto cada um se empenhou para criar a história e para ouvir a dos outros, a ancestralidade presente numa roda de histórias criada pelo acaso de uma brincadeira. Depois de todos contarem suas histórias, alguém teve a ideia de brincarmos de estar nessas realidades inventadas, cada um teve a oportunidade de ver a sua história encenada, tornando aquela tarde um momento inesquecível.

O interessante desses relatos da minha infância é a similaridade das ações, exercícios de expressividades que encontrei, enquanto adolescente/adulto, no teatro da escola e na graduação em Artes Cênicas. Quando comecei a participar das aulas de teatro na escola, em 2011, percebi a dimensão que era exercitar a imaginação, o teatro me trouxe a possibilidade de ser quem eu quisesse ser, de criar uma infinidade de coisas. Foi, então, despertado o desejo de me profissionalizar nesta área, por enxergar as diversas possibilidades de trabalhar com aquilo que eu estava apaixonado. Prestei o vestibular da Universidade de Brasília, em 2015, e ingressei no curso de licenciatura em Artes Cênicas, mas o meu desejo não era de trabalhar na educação, e sim focar na formação como ator. Ser professor, na minha cabeça, era uma segurança e estabilidade financeira que por vezes, como ator, seria um caminho mais difícil.

Na graduação, logo no primeiro semestre, com tantas experiências e partilhas, eu me vi num caminho de descobertas. Acredito eu, que quando calouro, não se sabe a dimensão que é a área das Artes Cênicas, percebi gostos e desgostos por disciplinas, e por áreas de atuação que não imaginava que teria. Mas, uma das coisas que mais me surpreendeu, foi a área da educação. Quem diria, agora me imagino como professor, numa sala de aula, trocando com os alunos. Não demorou muito, no ano de 2017, no meu quarto semestre da graduação, lá estava eu, atuando no mercado de trabalho como professor, eu estava inteiramente mergulhado e apaixonado por dar aula, o retorno e afeto vivenciado na sala de aula com meus alunos, é um sentimento inexplicável.

Comecei dando aula prática de teatro para crianças, em 2017, numa escola particular do Guará (Região Administrativa do Distrito Federal), faixa etária dos alunos era de 6 a 12 anos, um ano depois, estava numa sala de aula de cursinho pré-vestibular, outra dinâmica, com aulas teóricas, para alunos a partir dos 15 anos. Nessas duas experiências, encontrei-me enquanto professor lidando com universos extremamente diferentes. Depois de um tempo, trabalhar acabou se tornando exaustivo e, quando menos espero, lá estava eu, replicando ações que eu odiava enquanto aluno, ações que não tornam a educação efetiva, estava preso

num conhecimento engessado, tecnicista, muitas vezes por cobrança da própria instituição que eu estava trabalhando, no cursinho preparatório.

Então, num período de férias, do final de 2018 para começo de 2019, preparei as aulas do semestre seguinte pensando em fugir desse modelo engessado, minha sala de aula seria um espaço de troca, de afetividade, de aprender com o outro. Um planejamento do que aconteceria em cada aula, com a possibilidade de flexibilização, auxiliou-me a cumprir demandas que me eram cobradas ao mesmo tempo que as realizava do meu modo, com dinâmicas, metodologias, exercícios, me aproximando da docência que acredito. A partir daquele semestre minha relação com a sala de aula, os alunos e o ensino foi outra.

Estando, então, mais à vontade com o meu espaço de trabalho, ao desenvolver minhas aulas, alguns problemas surgiram e um me deixou intrigado. Num determinado momento eu propus para os meus alunos a leitura dramática das obras que iríamos trabalhar naquele semestre e muitos mostraram dificuldade na leitura. O exercício proposto me fez perceber que a leitura e oralidade dos alunos não tinham dinamicidade, estavam sem ritmo, além disso, a escuta era um problema, no final da leitura muitos não entenderam as reflexões da narrativa, não conseguiam fazer associações com o que havíamos discutido em sala. O que me intrigou foi observar que esse problema estava presente na maioria dos meus alunos do cursinho preparatório, não era uma coisa atípica, o problema era visível, a faixa etária era de 14 a 18 anos, de todas as 15 turmas de pré-vestibular que eu dava aula. Mas, lembrei das minhas experiências no ensino médio, que eu também tinha um pouco dessa dificuldade e que muitas coisas eu aprendi por meio das práticas e exercícios que fiz na graduação em Artes Cênicas.

Um das práticas que tive contato no curso foi a Contação de Histórias, primeiro na disciplina de Metodologia do Ensino de Teatro 1, na qual a aula era voltada para a discussão e reflexão de metodologias, dinâmicas, teorias e práticas da pedagogia em Arte. As aulas eram ministradas pela professora Ângela Barcellos Café, que me proporcionou o contato com a Contação de Histórias. Depois eu fiz uma outra disciplina, também ofertada pela mesma professora, que trabalhava essa prática mais especificamente, TEAC (Técnicas Experimentais em Artes Cênicas) de Contação de Histórias. Na disciplina eu pude me envolver, refletir, discutir as singularidades e multiplicidade da prática. O interessante foi perceber que os alunos eram e tinham vivências bem diferentes uns dos outros, a diversidade de cursos e pensamentos era agregador para a disciplina.

Uma das coisas que observei participando da disciplina, sendo estudante de Artes Cênicas, foi que a minha oralidade, meu desejo pela leitura, escrita foi despertado e desenvolvido pelas práticas e exercícios que tive em outras disciplinas da graduação. A Arte nos possibilita essa liberdade de criação e nos instiga a ler, escrever, nos fortalece na apresentação em público. O espaço de aprendizado que eles estavam tendo com aquela disciplina de contação de histórias, para grande parte da turma, era o momento de suas graduações e até mesmo da vida que eles se sentiram instigados e livres para a expressão. Perceber o processo que eles e eu tivemos com as práticas na disciplina, foi muito interessante de ser vista e presenciada durante o semestre, além do desenvolvimento particular de cada pessoa.

A partir daquele momento, despertou-me o desejo de levar a contação de histórias para a minha prática docente, até porque, a matéria de Arte no ensino básico propõe um espaço ideal para as práticas teatrais, de contação de histórias e que poderiam ajudar aqueles alunos. Portanto, meu objetivo neste trabalho é analisar o impacto da prática da contação de histórias na vida dos alunos, principalmente, nos problemas de oralidade, leitura e escrita, além da construção de narrativas.

A prática da contação de histórias no ambiente de uma escola em Brasília, pode fazer com que tanto os servidores da escola, quanto os alunos e comunidades, valorizem a disciplina de Arte e as produções artísticas da sua região. Reconhecer-se como parte de uma cultura, pertencer a produção e o consumo do que é criado naquele ambiente. Por isso, parto do pressuposto de entender a localização da minha escola e a cultura na qual ela está inserida, numa metodologia etnográfica, a perspectiva a ser analisada parte da minha observação sobre o grupo analisado, percebendo sua particularidade. A observação participante parte da minha experiência e conhecimento sobre o que é levado como sugestão para a sala de aula, os exercícios feitos querem alcançar o objetivo proposto. O processo é analisado de acordo com as reações dos participantes em cima das minhas provocações.

Ou seja, as aulas propostas fizeram parte de uma pesquisa etnográfica, onde eu, educador de Arte, analisei as observações feitas a partir da minha perspectiva sobre, conduzindo as minhas propostas pedagógicas, observando o grupo analisado e os seus aspectos particulares. Apesar de pensar na aplicação da pesquisa presencialmente, por conta da segurança acerca da pandemia do COVID 19, e das medidas legislativas propostas pelo governo do Distrito Federal, adaptações foram feitas para a aplicação da pesquisa de forma remota. As aulas, a avaliação, as produções, tudo foi feito *online*, sem nenhum contato

presencial. Com o auxílio de plataformas e aplicativos facilitadores para a adaptação ao momento atual.

No total, foram cinco aulas remotas, assíncronas, com exercícios teatrais voltados à prática da contação de histórias, com o objetivo de trabalhar a construção de narrativa, por meio da oralidade dos alunos e instigar o desejo de leitura e escrita. Todas as aulas foram gravadas e disponibilizadas no *Youtube*¹, caso algum aluno não pudesse no horário ou perdessem a aula no dia. O canal de comunicação com os alunos foi pelo *WhatsApp* e *Instagram*, sendo que as informações, dúvidas e esclarecimentos eram feitas no *WhatsApp*, e no *Instagram* que foi a plataforma de compartilhamento dos trabalhos apresentados pelos alunos.

Foram aplicados três questionários pelo Google Formulário, o primeiro, antes do início das aulas, para saber a experiência prévia dos alunos acerca do teatro, da contação de histórias e das suas práticas de leitura e escrita. O segundo e terceiro serão feitos no final das aulas, um para saber o impacto das aulas na vida dos alunos e o outro para avaliação do processo individual do aluno e da condução do professor, encontram-se nos apêndices.

O presente trabalho será dividido em três capítulos, sendo o primeiro capítulo a exposição e reflexão dos conceitos envolvidos na pesquisa: contação de histórias, narrativa, interpretação, leitura e escrita. A importância de pensar sobre o impacto no ambiente escolar que esses conceitos podem ter, quando trabalhados na disciplina de Arte.

O segundo capítulo é a exposição sobre o que ocorreu em sala de aula, descrevendo todas as práticas, exercícios e discussões que foram feitas. Este capítulo é de suma importância para entender a aplicação da contação de histórias na educação e como os alunos lidam com essa prática. Não vamos trabalhar numa perspectiva de uma “receita infalível”, mostrando exatamente o que fazer, o objetivo do capítulo é descrever o caminho que eu percorri, refletindo sobre o que deu ou não certo nas aulas. As aulas são remotas, em público diversificado, idade, localização e escolaridade.

O terceiro capítulo é a análise sobre as cinco aulas propostas. Utilizando dos recursos pedagógicos de avaliação diagnóstica, respostas dos formulários, análise das gravações das aulas. As reflexões acerca do preenchimento dos questionários e a autoavaliação dos alunos, comparando as respostas deles. Neste capítulo, também, foi pensado se os objetivos propostos foram alcançados, analisando os exercícios, os trabalhos e as perspectivas dos alunos.

¹ Link de acesso das aulas gravadas:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLHL0s8xwO9SEDY6cUfiBTRaw0wDMJa0Tx>

Por fim as considerações finais que sintetizam o que essa pesquisa representou em minha formação profissional.

1. CAPÍTULO 1: A contação de histórias no ensino-aprendizagem de Artes Cênicas.

Pensando acerca da prática da contação de histórias, percebo que as histórias nos transportam para um mundo mágico, onde podemos levar a nossa imaginação para qualquer lugar. É um lugar que mesmo você não sendo criança, atíça sua curiosidade de experimentar o novo, de sentar-se numa tarde e ouvir várias histórias das pessoas que você ama. É ancestral. Tanto que, contar histórias está enraizado na cultura humana desde a era primitiva.

O ato de narrar uma história foi uma das formas pela qual nós seres humanos usamos para validar nossas ações, diante de observações do que fazíamos, de como lidar com certas ocasiões e de como funcionava determinado grupo social, e isso está intrinsecamente ligado à vida, a ação humana, e a educação.

Há também a importância afetiva presente na contação de histórias, trazidas pelas rodas de fogueira, pelas tardes na casa da vó, por uma conversa informal, onde há narrações que nos trazem um olhar para as ações humanas, desde histórias sobre grandes caçadas, a lendas que perpassam a linha temporal do que já foi passado, do que está no presente e que estarão no futuro.

A partir disso, podemos refletir como foi se construindo a cultura. Pensando na ação humana, observamos através de uma perspectiva onde não há um determinismo de cultura por parte biológica nem geográfica. É o que nos diz Roque de Barros Laraia, antropólogo brasileiro, por exemplo, ao explicar que “as diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhe são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente” (2009, p.24).

Cultura é, então, dar significado ao fazer humano. Observar suas ações e o porquê delas. Pensando nisso, ao longo dos anos, tanto a prática da contação de histórias, quanto outras atividades humanas, nos ajudam a construir cultura e identificar as diferenças de comportamento dos seres humanos. E, essas práticas foram se desenvolvendo ao longo do tempo para o que conhecemos atualmente. Observando que desde a sociedade primitiva, praticar a contação de histórias auxilia o ser social na construção de sua cultura. Betty Coelho, escritora brasileira, nos instiga a pensar um pouco sobre como era entre os seres originários, no princípio da humanidade: “De que falariam entre si? ...das caçadas, peixes que pescaram, chuva, sol, contendras, troféus, estrelas distantes que talvez fossem deuses, lendas contadas pelos antepassados” (2011, p.8).

Refletindo sobre o que a autora nos explana, o ser humano contava sobre suas próprias ações, sobre acontecimentos do seu cotidiano, sobre a sua compreensão de mundo, embasada no agora e no que seus antepassados lhe contaram, podemos perceber isso nas pinturas rupestres, por exemplo, a imagem também conta uma história. Foram constituindo, assim, a contação de histórias como uma tradição que registra os diversos significados do fazer humano.

Os responsáveis por passar as histórias adiante, são chamados de contadores(as)/narradores(as) de histórias. Vivenciam, em sua grande maioria, a narração pela informalidade, afinal, quem nunca narrou ou ouviu uma história? Esta prática é presente no cotidiano, compartilham-se vivências/experiências que temos e narramos para o outro, podemos também criar algo que não vivenciamos, ou compartilhar de algo que ouvimos. Ou seja, fictício ou real, as histórias e seus narradores são incontáveis, temos os informais e formais, a diferença entre eles é a noção de técnica, os informais podem não saber a especificidade de cada técnica pois são intuitivas, já um contador(a) formal, a fim de, se especializar nessa prática, busca as técnicas necessárias para a sua narração.

Sendo assim, as técnicas que um contador busca para a sua narração podem ser encontradas dentro da linguagem das Artes Cênicas. O contato que eu tive com a contação de histórias como prática se deu na graduação, observei nas minhas experiências como aluno e futuro professor, o quanto a prática da contação de histórias pode auxiliar meus futuros alunos a adquirirem um hábito de leitura, de escrita, de compartilhamento da sua narrativa. Porém, ao trabalhar com a contação de histórias dentro do ambiente escolar, cabe ao professor/contador ter um cuidado ao exercê-la, visto que, muitos a usam como um momento da aula para o entretenimento, sendo apenas mais um recurso de acréscimo para a didática do professor. É o que a autora, Lazara Regatieri nos diz em seu artigo:

A contação de histórias enquanto arte não pode ser realizada de qualquer jeito, ou em qualquer lugar. Observar técnicas e utilizar-se de recursos materiais e humanos é imprescindível para que se realize um trabalho de qualidade e se alcance bons resultados, mesmo que estes sejam a longo prazo e internos. É necessário que o professor leia muito, que escolha com cuidado as histórias, respeitando as características e limites de cada fase de desenvolvimento da criança. Se possível, preparar também o ambiente, ou seja, criar um clima de expectativa para que o momento seja de surpresa, prazer e encantamento. (2008, p. 37-38).

Concordo com Regatieri (2008), que o contador de histórias precisa fazer escolhas para que o objetivo proposto seja alcançado, e que tenha aparatos técnicos. É o mesmo caso do professor/contador, é imprescindível orientar cada turma para que o momento de contar histórias seja, uma troca de valores, de construção de cultura, de olhar para as ações humanas e refletir acerca delas.

O ensino de Arte no Brasil, proposto como disciplina regular/obrigatória da educação básica, é relativamente recente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1971, incluía nos currículos, o ensino da Educação Artística independentemente de sua linguagem. Apenas em 1996, com a nova LDB a Arte foi incluída como disciplina obrigatória na educação básica. Ou seja, o contato com o ensino de Arte no ambiente escolar é muito novo e, por isso, encontramos tantos equívocos, que ao longo dos anos podem ser reparados e adequados às realidades deste imenso país. Por meio das tentativas, ocasionando erros e acertos, e vamos desenvolvendo um melhor ensino de Arte na educação do Brasil.

O primeiro ponto que eu queria refletir, é como enxergamos a Arte, e a importância dela como disciplina para o ambiente escolar. Pensando acerca das minhas observações na disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas I, em parte, tanto a escola, quanto a comunidade em volta dela, e até mesmo os próprios docentes de Arte, precisam valorizar a disciplina como um espaço reflexivo, que instiga questionamentos.

A BNCC (Base Comum Curricular Nacional), do ensino médio, define o ensino de Arte, com suas especificidades em Artes Visuais, Audiovisual, Dança, Música e Teatro, na área de: Linguagens e Suas Tecnologias, que são compostas, também, pelas disciplinas de Língua Portuguesa (Literatura, Gramática, Redação), Língua Estrangeira (Inglês e Espanhol) e Educação Física. O documento, também, nos diz sobre a importância da arte na educação:

A Arte contribui para o desenvolvimento da autonomia criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre racionalidade, sensibilidade, intuição e ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito relacionado a si, ao outro e ao mundo. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam no âmbito da sensibilidade e se interconectam, em uma perspectiva poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. (BRASIL, 2017, p. 474).

O segundo ponto a refletir, é a importância da prática docente para o processo de desenvolvimento do ensino de Arte na escola. O ensino de Arte nos faz enxergar e debater temas pertinentes, que valorizam a cultura. Infelizmente a escola tem se limitado a modelos e repetições técnicas que se afastam da arte como pensamos hoje. É o que, por exemplo, Marcelo Gruman (2012), nos fala a seguir, quando explana como era a disciplina de Educação Artística, meados das décadas de 1990 a 2010:

Seu ensino era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor. As atividades de teatro e dança eram reconhecidas quando faziam parte das festividades escolares na celebração de datas como o Natal, Páscoa ou Independência, ou nas festas de final de período escolar. O teatro era tratado com uma única finalidade: a da apresentação. As crianças decoravam os textos e os movimentos cênicos eram marcados com rigor. (2012, p.212)

Nas minhas observações no estágio supervisionado, há semelhanças com a fala do autor, o que infelizmente nos leva a refletir que não houve tanta mudança do ensino de Arte no Brasil, pois a sua colocação é quando a matéria ainda era Educação Artística e meu estágio foi em 2019. Ou seja, o ensino de Arte ainda está numa posição em que a escola e a comunidade só a valoriza nas atividades festivas, e que demanda fazeres e técnicas que, às vezes, não é uma especificidade do professor de Arte ou não tem sentido nenhum para aquela comunidade específica.

Ainda sobre a citação de Gruman (2012), no início ele fala sobre um ensino de Arte técnico, onde o professor ensina técnicas para a produção artística. Um dos tantos ou vários problemas que encontramos no ensino de Arte, é quando essas técnicas e a forma como elas são avaliadas são numa perspectiva de única verdade, única alternativa certa, que será sempre a do professor.

Arte, é uma área de conhecimento que possibilita diversas formas de expressão, porém, precisamos ressignificar o espaço da Arte na educação brasileira, para não cair num espaço de ensino tecnicista, presos numa formalidade e num único aspecto correto. É necessário refletir que a escola é um espaço que nos ajuda a pensar sobre o mundo, a entender os problemas que encontramos na sociedade.

A Arte dentro da escola reflete diversos aspectos da sociedade, assim como, a sociedade influencia no fazer artístico dentro do ambiente escolar. Está num lugar de ressignificar o dia a dia das pessoas. Ana Mae Barbosa, pensando acerca da arte-educação, nos fala sobre essa relação pessoal de expressão e o fazer cultural dentro da escola, “a arte na

educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento” (2004, p.3), ou seja, o que é produzido dentro da escola afeta a cultura num âmbito macro, assim como, a cultura macro afeta o micro presente na escola e, a partir dessa relação, como arte-educadores, podemos instigar os alunos ao fazer artístico e compreender sua cultura.

A educação hoje necessita de um professor que trabalhe com o imaginário, que transporte o aluno para um mundo em que ele se encante, que não fique preso apenas as propostas de um livro didático, que apresente uma gama de textos e histórias literárias, além disso, dar a oportunidade ao aluno de seguir seus próprios desejos. O professor tem um papel fundamental de instigar os alunos, é mergulhar num mundo em que os próprios vão desfrutar das maravilhas que a contação de histórias pode despertar. E podemos usar dessa prática nos primeiros anos escolares, até o ensino médio. Lazara Regatieri (2008), em seu artigo, explana sobre a importância da contação de histórias no ambiente escolar para as crianças, e digo mais, esta prática pode afetar positivamente os alunos de qualquer ano escolar e de qualquer faixa etária:

A contação de histórias é uma excelente estratégia para o professor colocar as crianças em contato com boas histórias. Histórias que, além de proporcionar o primeiro contato com os livros de forma agradável, irão distraí-las, levá-las a lugares distantes, onde, através do imaginário e da fantasia, viverão situações, experiências e aventuras das mais variadas possíveis. (REGATIERI, 2008, p.34)

Apesar da referência se tratar do público infantil, podemos refletir que na fase da adolescência, principalmente, quando já temos uma noção do que queremos, o professor tem o papel de instigar e mostrar as diversas possibilidades que o aluno tem ao mergulhar no mundo da leitura, desde contos populares, histórias de terror, gibis, entre outros. O docente mostra os possíveis caminhos, ajudando-os a se descobrirem como leitores, ou recuperar esse desejo da leitura que ficou lá na infância e se perdeu ao longo dos anos.

O professor de Arte pode auxiliar o aluno a se expressar por meio de sua disciplina, instigando-os a descobrir os diversos caminhos para o fazer artístico, uma das práticas que pode ser adotada pelo docente é a contação de histórias. Segundo Gilka Girardello (2014), “a sala de aula precisa, enfim, ser também uma roda de histórias, um lugar onde a gente se sente em círculo com frequência para contar e ouvir as histórias uns dos outros” (2014, p.81). Concordo com a autora e acredito, também, que há uma necessidade na educação brasileira

de se trabalhar com o vínculo entre professor e aluno, a sala de aula pode ser um espaço de confiabilidade, de união, de afetividade e por meio da contação de histórias podemos alcançar esse objetivo. Uma educação colaborativa, de troca entre professor, aluno e consequentemente, sociedade são possibilidades transformadoras.

Por isso que, o narrador/professor, para alcançar o aluno com a história a ser contada, precisa exercitar as técnicas necessárias para uma boa comunicação, porque o ajudará a alcançar o objetivo de fazer com que as histórias narradas e ouvidas, auxiliem os alunos na construção de seus valores, que vão ajudar na formação do ser social. Essas técnicas são diversas e trabalham todo o corpo do contador, com a voz, o movimento, a interpretação, etc. E para obter as técnicas da contação de histórias podemos praticar alguns exercícios que nos auxiliam, e que estão, em sua grande maioria, interligados com as artes cênicas.

Trago como exemplo minha experiência no teatro. Pensemos na interpretação de uma história, todos os detalhes, as nuances, os sentimentos, é necessário muita prática e identificação com a história para o contador deixá-la dinâmica. Constantin Stanislavski (2001), ator, encenador, diretor e escritor, nos fala um pouco sobre a vivacidade na interpretação do ator, “descrevendo o aspecto exterior de alguém, a forma de um objeto, o contorno de uma paisagem, tinha um jeito espantosamente vivo de externar o que lhe ia pelo cérebro” (2001, p.81). O ator é o responsável por ser o intérprete da história, por ele passam todas as emoções, intenções e objetivos que a narrativa na qual ele está trabalhando exige, ele faz suas escolhas pensando no todo, na proposta de encenação, nas observações do diretor, na sua construção de personagem, entre outros fatores. Assim como o ator, o narrador ao interpretar uma história a apresenta com tanta coerência que podemos até mesmo acreditar que a história é sua, com propriedade dos mínimos detalhes, digno de quem viveu aquilo.

O teatro e contação de histórias são linguagens que caminham juntas ao lidarem com diferentes narrativas. Muitos exercícios de interpretação, de dança e voz que encontramos nas artes cênicas, podem ser usados para auxiliar o contador na sua prática. Por exemplo, uma história, sendo ela verídica ou ficcional, pode ser contada de diversas formas, a composição de narrativa está presente desde quando o ser humano conseguiu compreender a linguagem necessária para se comunicar com o outro.

Corinne Squire, professora de Ciências Sociais e co-diretora do Centre for Narrative Research na University of East London, no Reino Unido, nos fala que “Em uma narrativa, o movimento de signo para signo tem um significado social, cultural e histórico reconhecível” (SQUIRE, 2014, p.273). Pensando nisso, ao entrarmos em contato com o universo de uma

narrativa, que é a exposição de um ou vários acontecimentos, ficcionais ou reais, como ela nos afeta socialmente, historicamente e culturalmente, se sucede por conta do encadeamento de seus signos e como os entendemos. Para passarmos a mesma história adiante, é de nossa escolha a movimentação dos signos que será feita.

O narrador/contador precisa observar aspectos, como: o público e o lugar, para contar a história. Pensando nisso, o próximo passo é escolher uma história que vá abranger esses aspectos ao mesmo tempo que alcançará o objetivo proposto. Por exemplo, se quisermos levantar um debate com os alunos de uma escola, depende de onde é a escola, quais são os problemas que encontramos nela e na comunidade na qual ela está presente, entre outras diversas variáveis. Pois, o narrador/contador precisa escolher uma história que as pessoas se identifiquem, para assim, fazer com que haja uma reflexão.

Após a escolha da história, o narrador/contador, observando os aspectos que mencionei anteriormente, vai usar dos seus aparatos técnicos para criar a apresentação, trabalhando em dois âmbitos, o interno ao narrador/contador, e o externo a ele.

Quando me refiro ao âmbito interno, são as características e técnicas pessoais que o narrador/contador escolhe para apresentar a história. A expressividade corporal é de extrema importância ao narrar uma história, é uma das comunicações humanas que afeta diretamente o outro. Por conta da minha experiência de docência, observei que meus alunos têm uma defasagem na comunicação, e por meio da contação de histórias poderiam melhorar esse problema. Para isso, nas aulas, os exercícios teatrais trabalham algumas técnicas que puderam ajudá-los, tendo como foco a voz e a interpretação.

Um bom uso da voz ao contar uma história, traz para o narrador/contador aparatos que o auxiliam nas nuances necessárias da narrativa. Para que a história não fique cansativa, afetando o ouvinte negativamente, é necessário que o contador desenvolva habilidades para dar dinamicidade à oralidade da história, como: os timbres diferentes para composição de personagem, a intensidade das falas, as onomatopeias para a literalidade das ações, etc. Todos esses fatores precisam ser praticados pelo narrador/contador e colocados na sua bagagem técnica, para que quando necessário ele escolha com sabedoria e os use de forma adequada.

Quando falo sobre o âmbito externo, refiro-me às escolhas que o narrador faz referentes a *encenação*². Há uma reflexão acerca da história escolhida e como ela poderia ser representada para aproximar o público do universo que ambienta a narrativa. É o caso dos

² Neste trabalho, a partir da minha perspectiva, o termo “encenação” tem como significado: um conjunto de elementos técnico-criativos usados para a composição de um espetáculo.

elementos técnico-criativos, como figurino, cenário, iluminação, objetos cênicos, tudo o que pode ser usado para acrescentar a história contada. Esses artifícios também são vistos nas apresentações teatrais, eles nos auxiliam na composição da experiência que queremos para o público, se queremos ser literais com a narrativa, ou se usamos da ludicidade e estimulamos o imaginário.

Trabalhar com a prática da contação de histórias dentro do ambiente escolar pede que o professor/contador ao levá-la para dentro da sala de aula tenha que tomar cuidado em como usá-la. Escolhe o objetivo que quer alcançar com a prática, tendo que, se especializar nas técnicas da narração e saber qual é a realidade da escola, dos seus alunos e da comunidade em volta, pois, de acordo com Regina Machado (2015):

Os alunos têm curiosidade e vontade de aprender. Mas também carregam entraves e condicionamentos, pertencem a determinada classe social, estão numa escola que tem uma visão pedagógica mais ou menos delineada, vivem em famílias com certas características e participam de uma cultura com valores disseminados pelos mais variados modos de comunicação. (2015, p.256).

A autora nos explana em relação às diversidades que encontramos no ambiente escolar, identifique-me com essa colocação, pois, como educador, lidamos com diversas realidades, de aluno para aluno, de turma para turma, de escola para a escola. Os problemas que eu posso encontrar em um lugar talvez seja diferente dos que você encontrará, as soluções que eu tiver e os objetivos que eu alcançar podem ser ou não benéficos para a sua vivência. Nos próximos capítulos, vou contar sobre a minha experiência com a prática da contação de histórias, relatando o processo e seus resultados.

3. CAPÍTULO 2: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.

Uma das dificuldades que encontrei nos alunos foi que eles não se reconheciam como contadores de histórias. Dessa maneira, o primeiro contato que estabeleço com eles, é de abertura, de mostrar que aquele espaço está ali para a troca, que ele possa se sentir à vontade para se expressar. A proposta que faço é despertá-los para a curiosidade. Segundo Paulo Freire (1996), “O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos” (p. 33). Acredito, assim como o autor, numa curiosidade de indagação ao pensar, trabalhando nas diversas perspectivas e reflexões que tanto o docente quanto os alunos fazem acerca do objeto estudado, neste caso, sobre a Contação de Histórias.

Pensando nisso, a minha primeira ação, em sala de aula, gira em torno de observar a perspectiva dos alunos sobre o que eles compreendem que seja a contação de histórias e se eles se enxergam como contadores. A resposta sobre se enxergar como contador foi negativa, a partir disso os questioneei, se eles tinham contado ou ouvido uma história naquele dia. Quando a gente reflete sobre a prática da contação de histórias, percebe-se que ela está inserida no nosso dia a dia, e que os alunos podem se reconhecer como criadores, contadores e ouvintes de histórias. Todos nós somos contadores de histórias! As práticas pensadas para as aulas os ajudariam a se assumirem como.

Uma dificuldade que eu pensei que teria, por estar dando aula de forma remota, seria o diálogo aberto com os alunos. No começo tinha uma estranheza, mas acredito que tenha sido por conta da adaptação para esse sistema de ensino remoto. Deixando o espaço da aula aberto para o diálogo e a expressividade dos alunos, estávamos construindo, mesmo que virtualmente, uma “roda de compartilhamento”. Na contação de histórias, a ancestralidade presente numa roda de histórias, no fogo, vem desde os seres originários, e vem se desenvolvendo ao longo do tempo. Uma das discussões que tivemos na primeira aula foi sobre esse espaço em roda e como aquela turma, numa plataforma *online*, o estava ressignificando.

Mesmo as aulas não sendo presenciais, eu deixei bem claro para os alunos que eles poderiam se sentir à vontade naquele espaço. Iniciei com a leitura de “O menino”, da Helen Buckley, uma história que ouvi na graduação na aula de Metodologia do Ensino do Teatro, pela professora/contadora Ângela Barcellos, e me fez pensar sobre o lugar do ensino-aprendizagem, tanto para mim, enquanto estudante, quanto para a minha docência. A

discussão que tivemos foi sobre a liberdade de criação que é necessária na educação, para fazer com que o aluno tenha autonomia e criticidade sobre os objetos e exercícios propostos, vistos e discutidos. Pensando na construção dessa criticidade, de acordo com o pedagogo Paulo Freire “a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípua da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil” (1996, p.15). A reflexão que o autor nos traz, posiciona o papel do educador como um orientador na construção do pensamento do aluno sobre o ensino-aprendizagem, que não é uma transmissão de conhecimento, e sim uma troca, uma discussão sobre as diversas observações e reflexões que cada pessoa tem sobre um mesmo objeto de estudo.

Após a reflexão sobre a história do “O menininho”, expliquei sobre a condução das aulas, trabalhadas nesse aspecto de autonomia do aluno, de troca, e de pensar criticamente acerca das coisas da vida e do mundo. Fizemos alguns exercícios práticos de *aquecimento*³, que seriam repetidos nas aulas subsequentes. No primeiro momento, o aquecimento do corpo, por estar distante e não conseguir observar claramente como estava sendo a execução dos exercícios, optei pela simplicidade, alongamento do pescoço, dos braços, da coluna e da perna, depois eles tinham que chacoalhar partes específicas do corpo, de acordo com o que eu ia falando, por exemplo: o dedinho do pé, a cabeça, os braços, a perna direita junto com o dedinho da mão esquerda, esse exercício auxilia o aluno na consciência corporal e na segregação do movimento. Depois, um exercício de relaxamento, mas deixando o corpo presente para começar o aquecimento vocal, cada exercício vocal era repetido três vezes, o primeiro foi a vibração de lábio com som contínuo, depois vibração de lábio inferior e língua contínuo, depois os mesmos dois exercícios, mas em escala do som mais grave para o mais agudo e volta para o grave.

Depois do aquecimento cada pessoa se apresentou, falou sobre suas expectativas para as aulas e leu uma história curta, que foi pedida para ser escolhida antes da aula. O primeiro contato de cada um como contador de história para aquela turma, foi neste exercício, poder observar como eles lidam com a leitura em público, a oralidade, a dinâmica e a interpretação da narrativa. *Minha avaliação diagnóstica*⁴ estava sendo feita no relato de cada pessoa, pensando se os exercícios das próximas aulas os ajudariam. A avaliação diagnóstica de uma

³ O Aquecimento é um momento da aula onde se prepara o corpo e a mente dos alunos, auxilia no foco, na concentração. É importante para a execução das práticas propostas.

⁴ Nesta pesquisa, entende-se a avaliação diagnóstica de uma turma/grupo no ambiente escolar como uma observação prévia de suas necessidades e anseios sobre a proposta de ensino.

turma/grupo é importante para entendermos quais são as demandas e o que será necessário adaptar.

Na segunda aula o objetivo foi trabalhar as dinâmicas de som e voz que podem tornar a narrativa mais interessante, por isso, foi pedido para que os alunos, previamente, escolhessem uma história que ouviram de alguém e que a transformassem em sua, contando ela em primeira pessoa. Para isso, o foco do aquecimento foi a voz, o exercício proposto era para que cada pessoa contasse sua história e fizesse vozes diferentes, que seriam ditas por mim, por exemplo, voz bem aguda, voz mais grave, voz de dublagem para *reality show*, etc. Após a execução do exercício, refletimos sobre como foi fazê-lo, a devolutiva dos alunos foi extremamente positiva, viram que algumas vozes se encaixam perfeitamente na proposta de suas narrativas. O exercício de experimentação dessas diversas vozes é interessante para a construção da oralidade na hora de contar uma história, é um recurso técnico que o contador traz consigo na hora de ensaiar a sua história e preparar a sua apresentação. Lucia Helena Gayotto (2002), no livro *Voz, partitura da ação*, nos fala que:

Na construção vocal do personagem muitas vozes são possíveis, até as consideradas esteticamente desagradáveis ou mesmo com características semelhantes à voz disfônica. O ator, por sua vez, precisa estar disponível durante o seu processo criativo, desde as primeiras leituras da peça até a estreia, a investigar várias maneiras de expressar vocalmente o personagem da montagem do texto teatral. (2002, p.21)

Assim como, a autora coloca que o ator precisa estar disponível em relação a construção vocal no processo criativo, durante o primeiro contato com o texto/personagem, até a apresentação, oriento os alunos a ensaiarem a história com o máximo de vozes que conseguirem fazer para irem testando quais sejam interessantes para a narrativa. Também, pensa-se na sonoplastia, se há necessidade de onomatopeias, trilha sonora, efeitos sonoros, entre outros recursos do som. O processo para experimentar isso é feito nos ensaios, antes da apresentação da história, buscando as dinâmicas que são mais atraentes a narrativa.

Pensando, então, na construção de uma narrativa, também, na mesma aula, passei um exercício de escrita criativa para a casa. O exercício consiste em pegar três categorias (pessoa, lugar, evento histórico), cada categoria tinha vinte opções de ideias que os alunos deram, a proposta era escolher uma opção de cada categoria e escrever uma história com começo, meio, fim, para ser apresentado na aula seguinte. Ou seja, eles teriam tempo para ensaiar com as dinâmicas de vozes que praticamos na aula.

No momento de compartilhamento das histórias acerca do exercício que foi pedido na aula anterior, sobre a história de alguém que é transformada como se fosse a sua, sendo contada em primeira pessoa, pude perceber a diferença da apresentação dessa história para a da primeira aula. Dois aspectos específicos mostraram essa diferença, o primeiro é por estarem mais à vontade naquele espaço de sala de aula, uma das alunas no final da aula relatou: “Eu achei que eu to bem menos tímida, porque na primeira aula a gente fica meio sei lá, eu to bem mais familiarizada”. O segundo foi por se tratar de uma história mais pessoal, pensando sobre, me questiono, então, o que faz uma história literária ser diferente de uma história pessoal? Observando a narração dos alunos no primeiro exercício e segundo exercício, percebo que a escolha da história influencia no modo em que vai contá-la, se a história mesmo que literária, ficcional não lhe afeta, a apresentação fica a desejar. No segundo exercício, por se tratar de uma história que eles conheciam melhor, que os afetava mais, a apresentação foi mais dinâmica, interessante, com mais nuances. Ao escolher uma história é necessário mergulhar, conhecer a narrativa, para ter um domínio da história na hora de contar. Então, a diferença não está na história literária ou pessoal, está no afeto, no aprofundamento. Assim como Café (2015), acredito que:

Para se contar uma história, se faz necessário conhecer profundamente o texto, a ponto de dominá-lo como se ele fosse seu, mais do que, simplesmente, aprender as palavras que o compõe, em sua linearidade e entendimento. As experiências das oficinas para contadores de histórias me mostraram que ler, de várias maneiras diferentes, com objetivos, dinâmicas e exercícios variados, amplia a compreensão da leitura e, conseqüentemente, influencia positivamente a narração. (2015, p.194)

O que proponho para o aluno, é que ao entrar em contato com uma história, que a escolha de contar venha da afetividade que se teve com a narrativa. A partir dessa escolha, assim como, a autora nos coloca, acredito que o processo de aprofundamento da história vai se dar diante dos ensaios, da prática e experimentação das diversas possibilidades que se tem ao narrar a história.

Para entender melhor a construção da narrativa, praticamos a escrita criativa na terceira aula, começamos com o trabalho em cima do exercício (pessoa, lugar, evento histórico), levantando as impressões dos alunos acerca do exercício e o compartilhamento do mesmo. Este exercício auxilia o aluno na compreensão dos elementos em comum que encontramos nas diferentes narrativas, de acordo com a Cândida Vilares Gancho (2004), são cinco os elementos narrativos: enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador.

Acredito que, assim como a autora, compreender o que é cada elemento nos auxilia na diferenciação das narrativas, pode facilitar a escrita e a narração de uma história. Na aula, pensamos sobre o significado de cada elemento e se o encontramos nas histórias criadas com o exercício de pessoa, lugar e evento histórico.

O primeiro elemento é o Enredo, que consiste em um conjunto das ações da história, contendo a introdução da história (geralmente apresentação dos personagens, do ambiente e do conflito), desenvolvimento, clímax (ponto alto do conflito, momento culminante da história) e desfecho (solução do conflito). O segundo elemento são os Personagens, responsáveis pelas ações do enredo, podemos dividir esse elemento em diversos tipos, como: protagonista, antagonista, personagem secundário, entre outros. O terceiro elemento é o Tempo, caracteriza a época que se passa a história, a duração, a cronologia e até mesmo o *tempo psicológico*⁵, como por exemplo, o uso do recurso de *flashbacks*. O quarto elemento é o Espaço, o lugar onde ocorre a narrativa. Quinto e último elemento é o Ambiente, pensa-se este elemento como a aproximação do tempo e espaço, é a contextualização da narrativa, os aspectos socioeconômicos, psicológicos, morais e religiosos, é o que diz Gancho (2004).

Conversando com os alunos, refletimos que mesmo sabendo o significado desses elementos, não há uma fórmula mágica para a construção de uma narrativa, podemos criar mais livremente, sair do convencional. Por isso, o exercício (pessoa, lugar, evento histórico), possibilita essa fuga do que é convencional e talvez os ajude na quebra de uma escrita automática, engessada. Uma das alunas relatou como foi o exercício e a criação da sua história:

Eu descobri que tinha facilidade para escrever, só que o que eu fiz, como tinham muitas opções, eu fiz um sorteio e o que deu lá eu escrevi a minha história, mas não tem nada a ver com a nada, porque se eu parasse para escolher teria muita dificuldade e acabasse indo para o óbvio.

Assim como a aluna nos relata, fugir do convencional pode nos ajudar a descobrir outros caminhos interessantes para a criação. Ao construir uma narrativa precisamos conhecer os elementos, mas não ficar presos no convencional.

O segundo exercício na aula, feito em grupo, também está voltado para a escrita criativa, que é a criação de uma *fanfic*⁶. Optei por trabalhar com a turma inteira para observar

⁵ É o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos. (GANCHO, 2004, p.16)

⁶ Fanfics são histórias ficcionais criadas pelo fã, usando da personalidade do artista ou de um personagem e o colocando numa atmosfera criada pelo fã. Nesta pesquisa, o exercício proposto é baseado nessas criações, escolhe um artista ou personagem e o insere numa atmosfera que vai sendo criada pelos alunos.

a construção da narrativa, principalmente, o conflito. O exercício consiste em os alunos escolherem conjuntamente um artista ou personagem, que seja conhecido pela maioria, neste caso, foi escolhido a Marília Mendonça e, o ambiente, que foi escolhido o universo da saga Harry Potter, depois dessas escolhas começamos a construir a narrativa conjuntamente, cada pessoa iria narrar um pouco as ações da personagem naquele ambiente, até finalizarmos a história. Os alunos gostaram do exercício e da história construída, mas tivemos uma dificuldade na construção do conflito, a história às vezes se perdia e o interesse de escutar também. Após a execução do exercício me lembrei de uma orientação que não foi dada para a construção do conflito, segundo a Cândida Vilares Gancho (2004), entende-se que conflito é “qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor” (2004, p.8). Ou seja, para a execução deste exercício os alunos precisam construir a história pensando em oposições, para que o conflito da história se torne interessante e chame a atenção do ouvinte.

O terceiro exercício de escrita criativa começou na aula e terminaria de forma assíncrona. A prática consiste na criação de uma história por meio da observação. Cada pessoa iria olhar para a janela do lugar onde estava e iria anotar as suas impressões sobre sua observação, depois dessa anotação, tinham que escrever o texto novamente, mas inserindo um elemento fantasioso na narrativa. De forma assíncrona, cada aluno deveria produzir um vídeo contando a história criada.

Na quarta aula, conversamos sobre as impressões dos alunos acerca do exercício da aula passada que foi finalizado de forma assíncrona. Não foram muitas as sensações sobre, pois foram poucos que executaram o exercício. Um dos problemas que observei no ensino remoto é a execução dos exercícios de forma assíncrona e principalmente o seu prazo de entrega. Por não valer uma “nota” acredito que a obrigatoriedade de fazer o exercício tenha sido deixada de lado, a falta de autonomia do aluno pode ter influenciado também, ou a não familiaridade com as técnicas para a execução do vídeo. Enfim, os problemas que surgem num exercício assíncrono são difíceis de serem resolvidos pelo professor, por não conseguir identificá-los. Acredito que para um exercício assíncrono melhor executado, o aluno precisa, antes da entrega final do trabalho, dialogar, tirar suas dúvidas e ter aquele espaço para a orientação e devolutiva do professor. Um modelo de avaliação, que trabalha essa devolutiva no ambiente virtual são os diferentes tipos de *feedbacks* do professor para o aluno. Segundo Perrier e Silveira (2015):

Nos processos educativos, a informação transmitida na forma de feedback, pode ser de vários tipos: reconhecimento pelo sucesso obtido em uma resposta ou ação, sendo considerado feedback positivo; incentivo para estimular a melhoria de algo que, embora não estando errado, mostra-se incompleto, ou que mereça maior reflexão, sendo considerado feedback construtivo; advertência, quanto à qualidade da resposta ou ação, julgada insatisfatória por quem está oferecendo o feedback, este é o feedback negativo. (2015, p.3)

Os *feedbacks* propostos pelos autores são importantes no ambiente educacional presencialmente, e acredito que mais ainda no ensino remoto, por estarmos fisicamente distantes e o professor não conseguir observar os problemas tão claramente quanto pessoalmente, a avaliação por meio dos feedbacks auxilia o aluno no seu processo de ensino-aprendizagem nas aulas.

Continuando a aula, foi pedido para os alunos assistirem um vídeo antes da aula, palestra da *TED Talks*, com o título de “O risco de uma história única” (2009), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, para incitar a discussão sobre a importância da valorização da nossa cultura, e o papel do contador de histórias nesse processo. Chimamanda (2009) nos fala sobre a importância de olharmos para uma história, principalmente, no que diz respeito a cultura de um lugar, a observando por diversas perspectivas.

Um dos aspectos que refletimos sobre o vídeo é a busca de referenciais que precisamos ter sobre os lugares. A falta de referência foi um dos problemas que encontrei no ambiente educacional, tanto por parte da escola quanto dos alunos, acabamos estudando os mesmos autores, as mesmas histórias. Quando eu era aluno no ensino básico, a minha perspectiva sobre as coisas veio de um referencial muito europeu, apenas na graduação e nas minhas experiências de vida que comecei a procurar outras alternativas e visões sobre os acontecimentos do mundo, sobre culturas, perspectivas essas que eu não tinha na escola. Os alunos mais velhos da turma se identificaram com a minha lembrança enquanto, já alguns mais novos, ainda no ensino básico, mostraram uma outra visão, que a escola trabalha muito ainda em cima dos referenciais europeus, mas que alguns professores os instigam a pensar sobre outras perspectivas, sobre outras histórias, tanto que, os alunos mais novos mostram uma visão de mundo diferente da que eu tinha na idade deles e que só fui aprender mais velho.

Continuamos a discussão do vídeo num aspecto macro, sobre entender, aceitar e querer buscar referências de outros países, logo depois, uma das alunas nos fez pensar sobre esse risco de uma história única bem próximo da nossa realidade, ela nos relata que morava

na Ceilândia, e quando pegava ônibus para ir à faculdade, os colegas de turma mostravam uma visão estereotipada dos moradores e da região administrativa, com falas do tipo: “Nossa, mas não é perigoso lá”, “E passa ônibus?”, “Lá tem pista para o ônibus andar”, falas ditas em 2001, em sua maioria, por alunos que moravam no centro da cidade, Plano Piloto, Lago Norte e Sul, lugares com uma outra realidade socioeconômica, mas essa desigualdade e fala não estão diferente da que encontramos atualmente. Olhar para algo com uma única perspectiva nos coloca numa *bolha*⁷ onde consumimos e criamos para aquele ambiente em que estamos inseridos.

O meu objetivo com a discussão desse vídeo foi de fazer com que os alunos repensem enquanto contadores de histórias o que eles podem fazer para que eles e os seus ouvintes possam pensar sobre o mundo com perspectivas amplas. Que a referência seja buscada não só nas histórias criadas na Europa, mas sim valorizar nossos contos indígenas, africanos, nossa cultura mestiça, e buscar sempre por perspectivas diferentes.

Na continuação da aula, fizemos uma prática para trabalhar os diferentes sentimentos e como eles se manifestam na hora de interpretarmos uma história. Cada um escolheu uma história pessoal, um acontecimento simples que vivenciaram, depois eu iria orientá-los a contar a história de acordo com sentimento que eu falasse, por exemplo, tristeza, alegria, amor, ódio, trabalhando, também, a intensidade desses sentimentos. O interessante foi observar o quanto a expressão do rosto mudava e a entonação na narração da história, assim como, o exercício de voz na segunda aula, esse é um tipo de exercício para auxiliar o aluno na hora de ensaiar a apresentação da sua história, observando todas as nuances que podem ser interessantes na composição da sua narrativa. Tanto que alguns alunos relataram que alguns sentimentos do exercício se encaixam perfeitamente para o momento que estavam na história, uma das falas foi: “você ia falando os sentimentos e era onde eu queria chegar, então foi maravilhoso”, outra foi: “encaixou na minha história tão bem que eu pensei que você era um bruxo”.

As quatro aulas já dadas foram pensadas para entender a contação de histórias e o reconhecer-se contador, a construção de uma narrativa e seus elementos, além de, trabalhar algumas das técnicas para contar uma história. Desde o primeiro encontro com a turma, foi orientado para os alunos que a última aula seria o compartilhamento, em uma *roda virtual*⁸,

⁷ Entende-se por bolha, o círculo social em que o indivíduo vive, frequenta-se os mesmos ambientes, consome-se e cria-se para as mesmas pessoas. Não há um desejo de experimentar ou vivenciar o diferente.

⁸ A roda virtual é uma alusão, dado o momento atual, às rodas de fogueira feitas pelos nossos ancestrais para praticar a Contação de histórias.

de uma história, poderia ser uma história pessoal, uma criada pelo aluno ou uma literária, a escolha da história deveria partir do afeto, o quanto aquela narrativa significa para o aluno.

Começamos a quinta aula fazendo um exercício de concentração e aquecimento vocal, pensando na hora do compartilhamento das histórias. Uma das coisas que percebo, tanto por conta das práticas quanto pelas discussões que houveram nas aulas com a turma, essa roda de compartilhamento, mesmo que virtual, foi sendo construída aula por aula, chegando, então, na última, como um espaço livre de julgamentos, aberto para a expressividade de cada um. Creio que o professor, em contato com a turma e seus alunos, necessite criar no espaço da aula essa abertura para a expressão.

A hora do compartilhamento das histórias pude observar o desenvolvimento de cada aluno, desde o primeiro exercício até este último, o que cada um conseguiu aprender com as práticas trabalhadas. No próximo capítulo vamos analisar esse processo de desenvolvimento e se os objetivos foram alcançados, observando a devolutiva dos alunos acerca das aulas, dos exercícios e o preenchimento dos formulários, comparando a resposta do primeiro questionário com o último e a auto avaliação.

4. CAPÍTULO 3: O QUE PODEMOS INFERIR DA PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA.

Neste capítulo, vamos analisar as respostas dos alunos acerca das perguntas feitas no formulário inicial, final e a auto avaliação. Além disso, um estudo sobre o processo das aulas, observando as consequências da prática de Contação de Histórias na vida dos alunos, no que diz respeito à construção de narrativa, escrita, leitura, interpretação e oralidade de uma história. A pesquisa faz uso de técnicas que são associadas a metodologia etnográfica, que segundo Marli André (2013):

A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes. (2013, p.37)

As técnicas que a autora nos evidencia auxilia na cientificidade do objeto estudado, a observação participante e a descrição das ações foi relatada no capítulo anterior, as entrevistas e os documentos serão analisados neste capítulo. Por estarmos num modelo de aula remota, os questionários inicial e final foram feitos pela plataforma do Google Formulário, assim como, a auto avaliação.

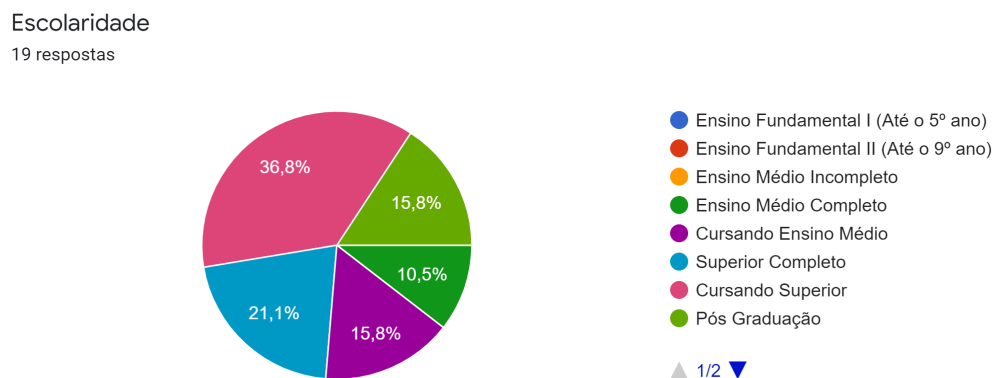
4.1 - Sobre a turma.

As aulas foram pensadas, inicialmente, num modelo específico, seria uma turma do ensino médio, em uma escola pública do Distrito Federal. Por necessidade de adaptação para o ensino remoto, devido a pandemia do COVID 19, o recorte se expandiu e o grupo ficou mais amplo. Foram 44 inscrições, porém, as participações nas aulas reduziram esse número para menos da metade. Os alunos assíduos e participativos eram, em média, 13 por aula, no final das aulas foram 19 os que concluíram as atividades propostas. A análise acerca dos questionários iniciais e finais vão abranger as respostas dos 19 inscritos que concluíram as aulas, os que se inscreveram, mas não participaram das aulas tiveram suas respostas excluídas para não afetar nos resultados da pesquisa.

Em relação ao grupo participativo, observa-se uma diversidade nas experiências, vivências, especificidades, conforme: lugar, trabalho, escolaridade e experiências prévias com

teatro/contação de histórias, que cada um levou para a sala de aula e agregou no processo de ensino-aprendizagem. Todos os alunos moram no Distrito Federal, em regiões administrativas, como: Asa Norte, Águas Claras, Samambaia, Ceilândia, São Sebastião, entre outras. As idades estão entre 17 e 40 anos. No gráfico, a seguir, podemos observar a escolaridade da turma.

FIGURA 1: Relação (%) da escolaridade dos alunos.



Fonte: Questionário inicial aplicado no Google Formulário (2020)

No que diz respeito à escolaridade e profissão de cada um, podemos observar um grupo diversificado, com sua maioria, 58,7% cursando o ensino superior ou já concluído, 15,8% de pós graduação, 15,8% cursando o ensino médio e 10,5% com o ensino médio completo. Em relação ao âmbito profissional, as áreas são: pedagogia/educação, artes, audiovisual, *marketing*, serviço público e saúde (enfermagem, nutrição e psicologia).

4.2 - Experiência no Teatro/Contação de histórias.

São três as perguntas que vamos analisar neste subitem, referentes aos saberes dos alunos sobre teatro e contação de histórias. Essas perguntas foram feitas, a fim de, observar qual a perspectiva e experiência dos alunos nessas áreas, previamente, antes do contato comigo e com as práticas nas aulas. As perguntas são: Qual a sua experiência de teatro? (Nenhuma, pouca ou muita). Por exemplo, fez aula ou presenciou algum tipo de espetáculo cênico. Descreva um pouco sobre; você sabe o que é a Contação de Histórias? (Sim, não, um pouco); você se considera um contador de histórias? Sim, Não. Por quê?

As respostas da primeira pergunta estão em dois extremos: pouca/nenhuma experiência e muita experiência. De acordo com o relato dos alunos que responderam pouca/nenhuma experiência, o pouco contato que tiveram com o teatro e a contação de

histórias, veio da escola. É interessante observarmos como a escola pode ser o ambiente que propicia o contato com a Arte e, o quanto esse contato é importante. Segundo Ana Mae Barbosa, “A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursivas e científicas” (2004, p.2). O ensino-aprendizagem de Arte na escola possibilita que o aluno se expresse de diversas maneiras, com inúmeras práticas, como a Contação de Histórias, essas expressividades encontradas na linguagem da Arte, diferentemente, das linguagens discursivas e científicas como a autora coloca, nos dão significados únicos e outras possibilidades de interpretação e prática, sendo até mesmo difícil a identificação do que é ou não Arte.

Pensando nisso, acredito que não há pouca/nenhuma experiência, a arte está no nosso dia a dia, presente na série que assistimos, na música que ouvimos, na história que contamos para o outro, entre outros diversos exemplos. Podemos observar, por exemplo, o contexto de adaptação que o mundo precisou fazer em 2020 devido a necessidade de sobrevivência e segurança da humanidade, por conta do vírus SARS-CoV-2, popularmente chamado de COVID 19. Neste momento de pandemia e isolamento social, o que seria da humanidade sem a arte? De acordo com a Ana Raquel Diniz (2020).

Durante o período de confinamento, em alguns momentos, podemos nos sentir solitários, sem saída, angustiados, estranhos, confusos, desinstalados, inseguros, com vontade de fugir. A arte é um medicamento simbólico, atemporal. A pandemia realçou a importância da Arte para vida humana. (2020, p.2)

Assim como, a autora nos fala, reflita na aula sobre a importância da Arte na nossa vida, e que ela pode ser um refúgio para momentos difíceis, assim como, ela dá espaço para a reinvenção e ressignificação. Sendo assim, desmistificar para os alunos a noção deles de experiência com o teatro e a contação de histórias, levando-os a pensar que não são apenas consumidores, mas que podem criar, produzir arte.

A terceira pergunta foi respondida, pela maioria, na negativa. É interessante observar a dificuldade dos alunos de se reconhecerem enquanto artistas e contadores de histórias, muito pela dificuldade de enxergar a Arte no cotidiano. A partir do contato com as práticas propostas nas aulas e com os debates gerados, esse pensamento foi se transformando por meio do processo de descoberta de cada um enquanto contador de história e artista. Chegando, então, ao final das aulas, identifica-se nas respostas das perguntas do questionário

final, uma outra perspectiva sobre o se reconhecer contador. Observa-se, a seguir, algumas dessas respostas, sobre o processo e exercícios feitos na aula e a consequência deles para o reconhecimento dos alunos como contadores de histórias:

Confesso que os conteúdos abordados no curso me surpreenderam bastante, com toda certeza superaram minhas expectativas. Pude conhecer um pouco mais da prática da contação de histórias e perceber que ela está presente em absolutamente tudo. Todos os detalhes, os tópicos sobre voz, sobre som, sobre as emoções, foi tudo muito bacana! O curso me proporcionou agregar ainda mais conhecimentos sobre todo o fazer artístico. Todos os exercícios propostos foram processos que contribuíram muito na minha criatividade!

Os exercícios propostos nos colocam sempre em um lugar de desafio criativo, e isso com certeza ajudou a exercitar este meu lado. No começo do curso eu disse que era mais do tipo que ouve histórias e não do que conta e logo vi que isso era mentira e que posso contar histórias interessantes. Isso me ajuda em uma questão de autoestima, desconstruir esta imagem de mim pessoal e profissional também. Sou do audiovisual e o exercício do vídeo foi um exercício legal para ver com que ferramentas simples eu consigo contar uma história, e que na verdade posso criar conteúdos audiovisuais em situações diversas, como na quarentena.

Comecei com vergonha das outras pessoas me ouvindo contar histórias porque não conhecia elas. Mas apesar do tempo curto, me identifiquei com elas e fluiu muito bem. Os exercícios foram muito legais de se realizar e a troca foi muito intensa com os demais

Desde a primeira aula o professor permitiu usar minha identidade e regionalismo na contação de histórias, desta forma o processo permitiu que uma história trágica, cômica, dramática ou até mesmo ficção científica podem ser contadas por qualquer pessoa, já que a contação de história é uma característica inerente de todo ser humano, exemplo das histórias folclóricas, lendas entre outras, que através da sabedoria popular é passada de geração para geração fazendo com que as histórias sofrem modificações dependendo do tempo e lugar.

Podemos observar nessas respostas a importância de se propor um diálogo aberto nas aulas, incentivando a autonomia dos alunos, que orientada pelo professor, pode trazer resultados satisfatórios em cima dos objetivos propostos nos planos de aula. Neste caso, o objetivo alcançado foi acerca do se reconhecer por meio das práticas e exercícios, como contadores de histórias.

4.3 Contação de histórias e a leitura.

Uma das coisas que observei enquanto docente foi a dificuldade dos meus alunos, mesmo estando no ensino médio, em relação à leitura. Propus uma vez para as turmas, uma

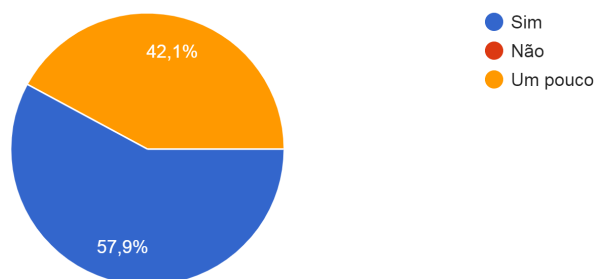
leitura dramática de uma peça que iria cair na prova do vestibular, e observei uma dificuldade da maioria relacionada a oralidade, interpretação e discussão daquela história. Por isso, um dos meus objetivos nessa pesquisa é observar se a prática da contação de histórias influencia no hábito de leitura dos alunos.

Observa-se no gráfico a seguir a relação dos alunos com a leitura antes do contato com a contação de histórias.

FIGURA 2 - Relação (%) das respostas dos alunos acerca da pergunta:

Você exercita a prática da leitura de forma regular, para além da obrigatoriedade da escola? Por exemplo, leitura de histórias em quadrinhos, livros, revistas, fanfics.

19 respostas



Fonte: Questionário inicial aplicado no Google Formulário (2020)

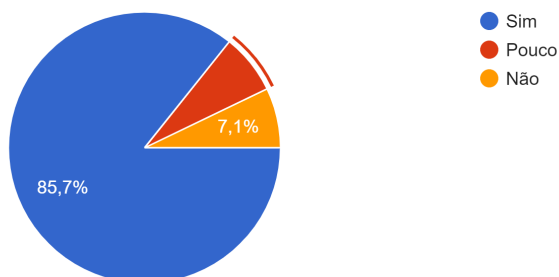
Observando o gráfico acima, podemos perceber que a turma tem um certo hábito de leitura, pensando nisso, levei para as aulas atividades que pudessem expandir as referências de leituras que eles estão familiarizados. De acordo com as respostas da pergunta do questionário inicial: “O que você gostaria de ler na aula?”, fiz uma lista de referências e disponibilizei para os alunos, a lista continha: livros de autores pretos, de autoras mulheres, roteiros de teatro e cinema, contos infantis, romances, cordéis, histórias reais, histórias em quadrinho, histórias denunciativas e histórias de suspense. Além disso, nas aulas, os próprios alunos trocavam entre si suas referências. É o que diz, por exemplo, Marcos Silva (2003) “em vez da transmissão unidirecional de informação, valoriza-se cada vez mais a interação e a troca de informações entre professor e aluno. No lugar da reprodução passiva de informações já existentes, deseja-se cada vez mais o estímulo à criatividade dos estudantes” (SILVA, 2003, p.27). Concordo, em parte, com a afirmação do autor pois observei que para além da troca que se estabelece entre professor e aluno, há uma riqueza na troca entre os estudantes.

Observa-se o gráfico, a seguir, que mostra a relação dos alunos com a leitura após o contato com a prática da contação de histórias:

FIGURA 3: Relação (%) das respostas dos alunos acerca da pergunta:

De maneira geral, você acha que as aulas te ajudaram a desenvolver um desejo de leitura?

14 respostas



Fonte: Questionário final aplicado no Google Formulário (2020)

Pode-se afirmar, então, que 85,7 % dos alunos, concluíram que a prática da contação de histórias os despertou para o hábito da leitura, vamos observar alguns relatos presentes no questionário final:

Com certeza sim! As dicas foram valiosíssimas para meu aprimoramento enquanto escritor, leitor e principalmente contador de histórias. Muitas vezes me surpreendi ao descobrir o quanto pequenas histórias podem trazer grandes aprendizados e como um mesmo texto pode ter inúmeras interpretações que se complementam ao mesmo tempo em que contrastam entre si.

As nossas aulas me incentivaram a ter mais interesse na leitura e buscar por livros de diversos autores. Exercer com mais frequência a oralidade e a escrita, confesso que a prática da leitura casual é algo que devo melhorar. Na questão de conhecimentos artísticos, no geral, o curso me proporcionou momentos em que pude exercitar ainda mais as habilidades da voz e das intensidades das emoções.

Podemos inferir, de acordo com o grupo pesquisado, que a maioria já tinha o hábito da leitura, a prática da contação de histórias despertou uma busca maior por outros tipos de leitura, que eles não estavam habituados. Além disso, alguns alunos que não tinham o hábito de ler, foram incentivados com a prática.

Uma das coisas que percebi nas aulas que deu certo, foi a aproximação dos alunos com a leitura a partir das suas próprias criações. Os exercícios que trabalham com histórias

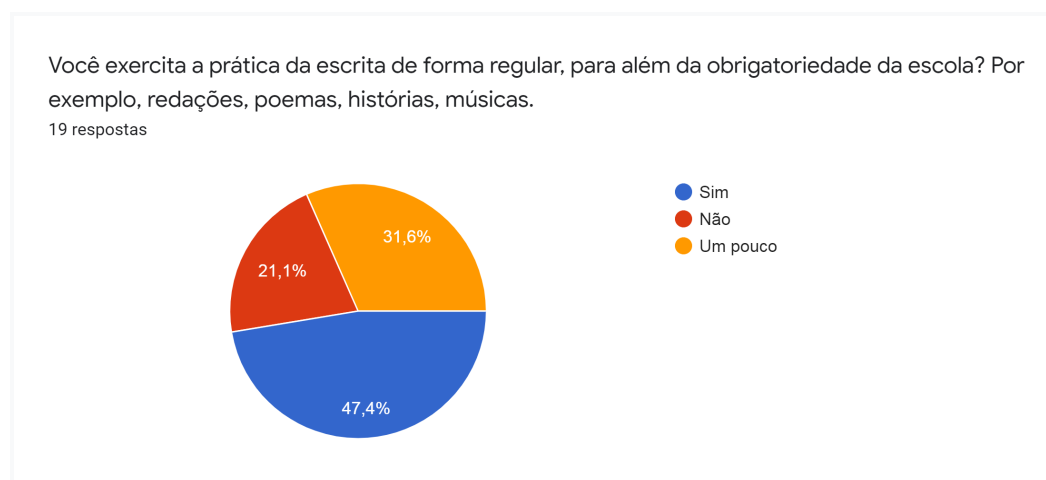
pessoais foram melhor executados no âmbito da leitura. A partir da criação do aluno, eu os apresentava a outras histórias, que eram parecidas, que tinham semelhanças na narrativa e nos elementos usados, com a sua criação, sendo assim, incentivando o aluno a buscar outras referências.

4.4 Contaçon de histórias e a escrita.

Pensar sobre a escrita, é pensar também sobre leitura, acredito que essas duas ações não caminham sozinhas. De acordo com Paulo Freire (2001) “a relação entre ler e escrever, entendidos como processos que não se podem separar. Como processos que se devem organizar de tal modo que ler e escrever sejam percebidos como necessários para algo” (FREIRE, 2001, p.8). Assim como o autor coloca, penso que a leitura e a escrita são processos que não se separam e que são um aporte para as expressividades do humano. Ele continua o seu pensamento e nos fala que:

Um dos equívocos que cometemos está em dicotomizar ler de escrever, desde o começo da experiência em que as crianças ensaiam seus primeiros passos na prática da leitura e da escrita, tomando esses processos como algo desligado do processo geral de conhecer. Essa dicotomia entre ler e escrever nos acompanha sempre, como estudantes e professores. “Tenho uma dificuldade enorme de fazer minha dissertação. Não sei escrever”, é a afirmação comum que se ouve nos cursos de pós-graduação de que tenho participado. No fundo, isso lamentavelmente revela o quanto nós achamos longe de uma compreensão crítica do que é estudar e do que é ensinar. (2001, p.8)

A dicotomia que se coloca entre as duas ações nos afasta de uma compreensão do que é ensinar, estudar. Desassociar a leitura da escrita faz com que nos afastemos do processo de construção do conhecimento. É necessário pensar nas duas conjuntamente para o processo de desenvolvimento do ensino das duas. Por isso, proponho no ensino-aprendizagem de Arte, a contaçon de histórias como desenvolvimento de ambas. Observa-se no gráfico a seguir:

FIGURA 4: Relação (%) da resposta dos alunos acerca da pergunta:

Fonte: Questionário inicial aplicado no Google Formulário (2020)

Sobre as respostas dos alunos, podemos inferir que o hábito de escrever deles é menor que o da leitura. Sendo que a sua maioria, 52,7 %, não praticou, ou pratica pouco a escrita. Os outros, 47,4% dos alunos responderam que têm o hábito de escrever. Acredito que, por ser uma atividade mais autônoma, os alunos encontram uma dificuldade maior ao escrever, por conta das normas de escrita, dos símbolos, das narrativas, entre outros. Para Geraldine Silva, “Na concepção interacional da língua, da escrita e da leitura, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são tomados como atores/construtores sociais ativos que, dialogicamente, se constroem e são construídos no e pelo texto” (2015, p.28). Pensando nisso, as aulas e a proposta de contato com a prática da contação de histórias podem ajudar os alunos a respeito das suas próprias construções de escrita.

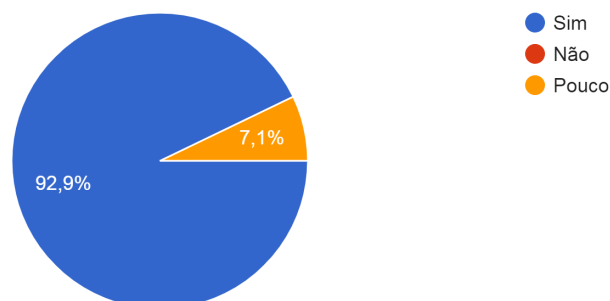
Por perceber uma maior dificuldade do grupo a respeito da escrita, optei por fazer mais exercícios de escrita e de conversar sobre elementos que podem ajudar na construção de uma narrativa. A seguir alguns relatos dos alunos a respeito de quais exercícios eles mais gostaram de fazer e como eles lidaram com isso: “escrever com liberdade de ser fantasioso foi ótimo.”; “Gostei muito do exercício de criar uma história a partir de pessoa, lugar e evento. Gostei de poder expressar a criatividade e me senti bem fazendo”; “Gostei muito do exercício de criar uma história a partir de pessoa, lugar e evento. Gostei de poder expressar a criatividade e me senti bem fazendo”

Após esses relatos, vamos observar, a seguir, o gráfico mostra como os alunos se sentiram em relação a sua escrita, após o contato com a contação de histórias.

FIGURA 5: Relação (%) das respostas dos alunos acerca da pergunta:

De maneira geral, você acha que as aulas te ajudaram a desenvolver sua escrita?

14 respostas



Fonte: Questionário final aplicado no Google Formulário (2020)

Podemos observar, a partir do gráfico, que as aulas ajudaram os alunos no desenvolvimento de suas escritas. 92,2% se sentiram afetados positivamente na escrita após as aulas. Um dos alunos relatou no questionário final um exercício, que foi citado pela maioria também, que gostaram de fazer. Além disso, como essas práticas o ajudaram na escrita:

O exercício de escrita criativa em que tivemos que contar uma história com elementos aleatórios criados em uma lista anterior e o exercício da criação do vídeo a partir da vista de uma janela. Em ambos houve um momento de excitação e de não saber se conseguiria criar algo, mas ao sentar e deixar fluir as ideias a escrita se tornou mais fácil. No caso do vídeo foi necessário um tempo maior para pensar em que tipo de criação faria e pensar em artifícios que poderiam ser utilizados para criar a parte mais fantástica das histórias. Foi necessário um trabalho gradual durante alguns dias enquanto da escrita foi algo fluído, sentei e escrevi. Em ambos saí muito satisfeita com o resultado.

É interessante observarmos que no primeiro questionário observa-se uma dificuldade dos alunos acerca da escrita, e que após as aulas eles se sentem mais familiarizados com essa prática. Concluo, então, que a contação de histórias pode ajudar positivamente os alunos a se descobrirem enquanto contadores de histórias, e a relação deles com o hábito da leitura e da escrita é intensificado.

Por estar presente no cotidiano, a prática da contação de histórias como proposta pedagógica no ensino-aprendizagem em Artes Cênicas, auxilia os alunos e a comunidade

escolar na valorização da disciplina, pois observa-se uma identificação com a prática. Além disso, acredito que, assim como Divina Neder, que:

O momento da contação de histórias deve, portanto, ser bem aproveitado. O professor precisa explorar essa arte com criatividade e beleza, de modo a instigar a imaginação das crianças; desenvolver a oralidade - quando oferecer a elas a oportunidade de interagir com a história contada; sugerir o reconto, que propicia um momento de conhecer a percepção dos alunos, explorar e ampliar seus conhecimentos linguísticos; e favorecer a aprendizagem em diferentes disciplinas, ao abordar temas relacionados aos conteúdos estudados e de interesse dos alunos, de modo interdisciplinar, de uma riqueza singular. (2009, p.62)

A partir disso, como educador, preciso entender sobre a realidade do grupo/turma acerca da cultura, da arte, do teatro e da contação de histórias. Pensando nisso, o grupo dessa pesquisa mostra uma diversidade cultural, por conta da particularidade de suas experiências, as idades variadas, escolaridade e conhecimento prévio sobre teatro/contação de histórias. Minha proposta pedagógica é, assim como a autora nos fala, sobre a prática da contação de histórias como um momento da aula para instigar os alunos, ajudando-os na aprendizagem em diferentes disciplinas, situações da vida.

Foi interessante observar que os alunos se colocam como não contadores/narradores, uma inverdade esclarecida já na primeira aula, pois a contação de histórias é uma prática que vem desde os tempos primitivos e que está presente no cotidiano atual, mesmo que eles não se enxerguem como, eles são contadores e ouvintes de histórias. As aulas os ajudariam no entendimento das técnicas de oralidade e na construção de narrativas, conseqüentemente quebrando essa visão deles sobre serem contadores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que as aulas e os exercícios que envolvem o teatro e a contação de histórias podem ajudar os alunos a terem autonomia na criação e conseguirem se expressar por meio da arte. Nas aulas percebi o quanto os alunos estavam abertos para a prática, no começo da pesquisa meu objetivo era fazer com que eles entendessem narrativa e criassem algumas, com as conversas e exercícios fomos caminhando para a busca de referências e a partir delas um desenvolvimento da escrita e da leitura.

Na palestra da Chimamanda Adichie (2009) sobre o risco de uma história única, compreende-se que é importante trabalharmos com diferentes perspectivas para entendermos a dimensão cultural de cada lugar. Um dos meus propósitos com as aulas foi entender que os alunos tinham muitas referências para trocarem entre si, por meio das histórias contadas tivemos acesso ao universo particular de cada um.

Penso que a proposta pedagógica que parte do princípio de que os alunos podem trocar com o professor e com os seus colegas é vantajosa para todos. Nas aulas percebi que as histórias baseadas em experiências pessoais eram mais ouvidas e discutidas, conseguimos construir um espaço aberto para a troca das histórias, sem julgamentos. Acredito numa educação que trabalha mais com esse aspecto de abertura para a experiência e expressividade dos alunos, por isso, os benefícios de se levar a prática da contação de histórias para a realidade escolar.

Além disso, houve um aumento expressivo nos hábitos de leitura e escrita dos alunos, de acordo com as respostas dos questionários e a comparação feita antes e depois das aulas. Segundo Shirlei Torres e Ana Tettamanzy “Alguém que toma gosto em ouvir histórias, provavelmente, procurará lê-las também. Ou, até mesmo, chegará a escrevê-las.” (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p.3). Assim como as autoras nos relatam, percebi que antes do contato deles com a prática de contação de histórias, alguns não tinham o hábito de ler e nem escrever, após as aulas, tanto quem já tinha o hábito quanto quem não tinha responderam nos questionários que se sentiram instigados a ler e escrever mais.

A Contação de Histórias no ensino brasileiro é uma proposta pedagógica que possibilitará benefícios expressivos aos alunos, desenvolvendo habilidades que julgamos cruciais a um indivíduo social, que são a leitura e a escrita. Acredito também, em uma educação transformadora, política, crítica, que faz de tudo para diminuir as desigualdades existentes na nossa sociedade. Por conta disso, a importância de levar com seriedade, o ensino-aprendizagem em Artes Cênicas e suas propostas pedagógicas, como mudança social.

Pensando nisso, fazer parte dessa pesquisa me motivou ainda mais a seguir a carreira na educação. Estamos vivendo um momento extremamente atípico mundialmente, a pandemia do COVID 19 afetou várias áreas, a educação precisou se reinventar e consequentemente esta pesquisa também. Como estudante da graduação em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, e como professor, lidar com o ensino remoto foi um desafio, até porque não era a minha idealização de pesquisa, mas as pessoas que fizeram parte desse projeto, o tema da pesquisa, as orientações, me agregaram de uma maneira inexplicável, aprendi demais como professor. Acredito que essa seja a magia por trás de ensinar também, o tanto que podemos aprender como professores, com os desafios, as trocas com os alunos, é gratificante fazer parte da trajetória de cada um.

Como um profissional da educação, vejo muitas possibilidades de trabalho daqui para frente, muitos aprendizados, trocas e afetos por parte da ação de ensinar. Além disso, a Arte é a área que resolvi trabalhar, foi a graduação que fiz, e que me proporcionou muitos ensinamentos nesses anos dentro da universidade, quero levar tudo isso para o caminho que seguirei daqui para frente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. **O risco de uma história única**. Palestra proferida no TED Talks, São Paulo, out 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 23 de Setembro de 2020.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus Editora, 2013.

BARBOSA, Ana Mae (s/d). **Arte, educação e cultura**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf> . Acesso em: 15 de Maio de 2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf . Acesso em: 09 de Maio de 2020.

Café, A. B; **Os contadores de histórias na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Arte do Instituto de Artes (PPG-IDA), Universidade de Brasília, Brasília. 2015.

COELHO, Betty; **Contar Histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 7-78.

DINIZ, Ana Raquel de Sousa Pourbaix. **Como aliviar a dor da pandemia? Literatura, música, filmes, arte & cia**. Boletim P&D, v.3, n. 6, p. 24-26, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/PedrosaDietz> . Acesso em: 07 de Outubro de 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____, Paulo; **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 7-54.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

GAYOTTO, Lucia; **Voz, partitura da ação**. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GIRARDELLO, Gilka; **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola**. 1. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2014.

GRUMAN, Marcelo. **Caminhos da cidadania cultural: o ensino de artes no Brasil**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 45, p. 199-211, jul/set. 2012. Editora UFPR 199.

(Consultado em 9 de maio de 2020). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602012000300014&script=sci_arttext .

Acesso em: 08 de Maio de 2020.

LARAIA, Roque de Barros; **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 7-95.

LOURENÇO, Adriana. **Contando Histórias e Encantando nos Espaços de Leitura**. Ciência da Informação em Revista, Maceió, v. 1, n. 2, p. 28-31, out. de 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1442/1197>. Acesso em: 11 de Maio de 2020.

MACHADO, Regina; **A arte da palavra e da escuta**. 1. ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

NEDER, Divina Lúcia de Souza Medeiros et al. **Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar**. Pedagogia em ação, v. 1, n. 1, p. 61-64, 2009.

OLIVEIRA, Antonio; PRADOS, Rosalía. **O que é leitura?**. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade de Eça de Queirós, Ano 4, n 16, nov. de 2014.

PERRIER, G. R. F.; SILVEIRA, R. A. **O tutor e a importância dos feedbacks nas atividades assíncronas em ambientes virtuais de ensino-aprendizagem**. EmRede - Revista de Educação a Distância, v. 2, n. 1, p. 76-88, 9 out. 2015. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/21> . Acesso em: 23 de Setembro de 2020.

REGATIERI, Lazara. **Didatismo e contação de histórias**. Revista em Extensão, v.7, n.2, 24 jul. 2009.

SQUIRE, Corinne. **O que é narrativa?** Civitas - Revista de Ciências Sociais. v.14, n.2, p.272-284. 2014. (Consultado em 6 de maio de 2020). Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74231120006>

STANISLAVSKI, Constantin. **A construção da personagem**. tradução Pontes de Paula Lima. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação**. Nau Literária, v.4, n. 1, 2008.

APÊNDICE 1

Plano de curso

Apresentação:

Este plano de curso trabalhará na disciplina de Artes, a prática da contação de histórias como desenvolvimento de narrativa. Com base em exercícios teatrais que a envolvem, pretende-se despertar ou melhorar o gosto e/ou curiosidade para a leitura e/ou escrita, contribuindo de forma geral para uma boa formação de estudantes do ensino médio. Esse planejamento de 5 aulas faz parte de minha pesquisa de TCC, a ser apresentada e defendida no curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UnB.

Tema:

A prática da contação de histórias como desenvolvimento de narrativa no ensino-aprendizagem em Artes para o Ensino Médio.

Objetivo Geral:

Reconhecer na prática da contação de histórias um lugar para desenvolver narrativas e narradores, estimulando os processos de leitura e escrita.

Justificativa:

A arte é uma linguagem que proporciona o contato com diversas práticas que ajudam no desenvolvimento humano. O plano de curso que proponho, expõe os exercícios teatrais que envolvem a prática da contação de histórias, dentro desse universo há um campo onde podemos desenvolver com os alunos suas narrativas, os colocando como protagonistas de suas próprias criações. Para além disso, desenvolveremos habilidades que são cruciais na sociedade, que é a escrita e a leitura.

Metodologia:

As aulas propostas serão mediadas com exercícios teatrais, que envolvem atividades de leitura e escrita, a fim de explorar a prática da contação de histórias, desenvolvendo habilidades para fazer com que o aluno se reconheça e adquira técnicas de narrativa.

Avaliação

Observar como os alunos lidam com as atividades de leitura e escrita, em qual desses aspectos se encontra mais dificuldade ou facilidade. Posteriormente, como eles desenvolvem suas narrativas individuais, na construção das suas próprias histórias. Será avaliado a

presença nas aulas, a participação dos exercícios propostos, o processo de construção das narrativas individuais e no final cada aluno fará a auto avaliação sobre seu processo nas aulas.

Sequência Didática:

Aula 1: Apresentação do plano de curso, avaliação diagnóstica, apresentação dos alunos e minha, exercícios corporais.

- **Objetivo Geral:** Conhecer os alunos e expor o plano de curso para fins de pesquisa, além de, introduzir exercícios de preparação do corpo.
- **Metodologia:** Responder o questionário inicial. Explicação sobre como vai se dar a pesquisa, objetivos e as práticas que serão feitas. Apresentação dos alunos, observando a individualidade de cada um, de onde são, e como é a sua realidade, vendo também qual a relação deles com as histórias populares de onde eles moram, ou de onde a família deles são.

Responder questionário inicial. 5 minutos.

Aquecimento: 5 minutos. Andar pelo espaço em 3 velocidades diferentes, sendo o número 1 o mais lento, o número 2 a velocidade que o grupo criou, e o número 3 o mais rápido. Esse exercício ajuda o grupo a entender a dinâmica espacial, foco nas orientações e aquece para os exercícios que serão feitos posteriormente. Fazer um aquecimento para a voz, vibração do lábio, vibração da língua, Si Fu Xi Pá. Apresentação individual.

Exercício 1: 20 minutos. A sala será dividida em grupos de 3, 4 no máximo, onde cada membro do grupo conta uma história curta pessoal, depois do compartilhamento da história de cada membro, eles devem entrar em consenso e escolher uma das histórias para contar para a turma depois, ensaiam essa história com o objetivo de fazer com que o público não saiba de quem é a história. Duração máxima dessa primeira parte, 10 minutos. Na segunda parte é a apresentação de cada grupo para a turma toda, no final de cada apresentação a turma tenta adivinhar de quem é a história. As apresentações devem durar 10 minutos.

Exercícios 2: 20 minutos. Leitura de diferentes contos populares. Dividir a sala em trios, no centro da sala têm vários contos populares, cada trio deverá ir ao centro e escolher apenas um livro, terão 10 minutos para ler toda a história, ensaiar as entonações, dinâmicas da voz, onomatopéias, etc. Depois, abrimos uma roda para a leitura de cada trio.

Explicação de como vai funcionar as aulas, e conversa sobre como eles se sentiram fazendo os exercícios. Compartilhamento de duas histórias. Explicar que a última aula será a

apresentação da história criada ou escolhida para a turma (Cada aluno deverá escolher ou criar uma história que o afete e apresentar para a turma, colocando em prática as técnicas e conceitos vistos nas aulas).

- **Avaliação:** Observar a realidade de cada aluno, construindo o começo da etnografia da turma, ver como eles lidaram com o último exercício, a construção das narrativas em grupo e como eles lidam com a leitura em público.

Aula 2: Trabalhar o corpo do contador de histórias e as vozes que acrescentam dinâmica na história.

- **Objetivo Geral:** Entender o corpo e a voz como elemento do narrador. Compreender os elementos que compõe a narração de uma história, para trazer dinamicidade a ela.
- **Metodologia:**

Aquecimento: 10 minutos. Com músicas tocando no fundo, todos os alunos devem começar no chão em posição fetal, expandindo e contraindo o corpo pelo espaço, usando essa mesma movimentação eles devem ficar em quatro apoios, três apoios, e por último, dois apoios, durante todo o exercício deve sempre lembrar em desimpedir as articulações, deixar o pescoço livre, e expandir as costas. Quando estiverem na parte dos apoios bocejar soltando sons, lembrar sempre da respiração também. Esse aquecimento serve para preparar o corpo e a voz para os exercícios propostos a seguir. Em roda, faremos um aquecimento da voz trabalhando o grave e o agudo, movimentar a musculatura do rosto, fazer caretas. Escolher uma música em comum para ser cantada. Esse exercício serve para preparar a voz e perder um pouco a vergonha.

Exercício 1: 15 minutos. Em dupla, os dois devem pensar em escrever o início de uma história, apresentando o personagem, o ambiente, o que ele está fazendo e o conflito. Duração de 5 minutos. Em roda, cada dupla apresenta o começo da sua história, as duas escolhidas pela turma vão ser construídas o enredo e finalização. Sendo um da dupla narrando o começo e o outro o fim, cada pessoa da turma vai construindo a história se divergindo positivamente ou negativamente da pessoa ao seu lado. Duração 10 minutos. Depois de serem construídas as duas histórias cada pessoa da turma vai escolher uma das duas histórias, ou uma história pessoal para trabalhar em cima, orienta-se a tentar fazer umas das duas que a turma escolheu. Esse exercício auxilia os alunos na construção de uma história, e os elementos essenciais para uma narrativa escrita.

Exercício 2: 20 minutos. No centro da roda tem diversas possibilidades de texto, poesia, conto musicado, conto de fadas, cordel, etc. Cada pessoa da turma deve trabalhar em cima da história escolhida pensando em trazer dinamicidade para ela, detalhes do lugar, voz para os personagens, observando, principalmente, os elementos narrativos que compõe a sua história. Duração 10 minutos. Depois de pensarem e ensaiarem suas histórias, separam-se em duplas, diferentes das do início, para poderem contar uma para a outra o que construíram, troca-se de dupla e faz a mesma coisa. Duração 10 minutos. Esse exercício ajuda a construir mais efetivamente os elementos narrativos da história, além de trabalhar a apresentação para o outro, colocando sua presença corporal como narrador.

Conversa sobre os exercícios feitos, a construção das histórias e os elementos narrativos e dinâmicos para a apresentação da história. Compartilhamento de duas ou três histórias.

- **Avaliação:** Observar se o aluno reconhece os elementos narrativos e sabe como aplicá-los na hora de construir e apresentar uma história. Avaliar se houve uma melhora da apresentação em público e entendimento sobre sua forma de narrar uma história. Observar, também, como eles lidam com o processo colaborativo para criar algo, tanto na hora que foi trabalhado em duplas, quanto na hora da construção em grupo.

Aula 3: Escrita criativa e adaptação de histórias.

- **Objetivo geral:** Criar histórias baseadas em elementos já existentes, para estimular a criatividade com base no referencial de cada um.
- **Metodologia:**

Aquecimento: 5 minutos. Uma quantidade de pulos para cada direção (frente, esquerda, atrás, direita), primeiro 8 vezes, depois 6, 4, 2 e 1.

Exercício 1: Pessoa, lugar, evento. 25 minutos. Em grupo vamos dividir no quadro três categorias (pessoa, lugar, evento histórico). Na primeira categoria (pessoas), os alunos devem colocar diversos nomes de personagens de séries, filmes, desenhos animados, novelas, etc. Depois é feito o mesmo com os lugares, lugares diversos que eles conheçam. Por último, eventos históricos. Depois de terem feito isso, cada aluno terá um tempo para pegar uma pessoa, um lugar e um evento que estão na lista, e criar uma pequena história ligando esses três elementos. Duração de 15 minutos. Depois de construir a história, divide a turma em duplas para compartilhar a história, troca-se de dupla e faz a mesma coisa. Duração 10 minutos. Esse exercício auxilia os alunos a escrita criativa, pegando os elementos de seu interesse e criando uma história a partir disso.

Exercício 2: Fanfics. 20 minutos. Cada pessoa deve escolher uma história que já existe e mudar o contexto, ou o final, ou a relação dos personagens, alguma coisa que não é da história original. Duração 10 minutos. Em duplas compartilha-se o que foi criado. 10 minutos. Esse exercício ajuda o aluno a criar em cima de algo original, fazer uma nova versão, abrindo possibilidades para a sua criatividade.

Exercício 3: Compartilhamento. 20 minutos. Os alunos que se sentirem a vontade de compartilhar, podem contar a história criada em algum dos dois exercícios, para a turma. Conversaremos também sobre o que foi feito na aula em relação aos exercícios.

- **Avaliação:** Observar as produções das histórias individuais de cada um, vendo os elementos que foram usados, a construção narrativa e a apresentação.

Aula 4: Construção da sua narrativa.

- **Objetivo Geral:** Construir narrativas a partir da emoção.
- **Metodologia:**

Aquecimento: 10 minutos. Em roda, vamos olhar uns para os outros, respirando e se acalmado. Faremos uma sequência de alongamento para relaxar e preparar o corpo.

Exercício 1: 15 minutos. Em roda (Dependendo da quantidade talvez precise dividir em mais rodas), vamos trabalhar com a intensidade dos sentimentos, a partir de uma pessoa, ela vai expressar o sentimento que será falado na intensidade mais baixa, a cada pessoa deve

aumentar a intensidade desse sentimento, até chegar na última que fará a maior intensidade. Os sentimentos trabalhados vão ser selecionados a partir do que o mediador veio observando nas aulas, sobre o quais emoções os alunos precisam sentir e expressar.

Exercício 2: Em duplas. 15 minutos. Espalhadas pela sala, vamos trabalhar o sentimento do amor e do ódio. Cada pessoa da dupla deve convencer a outra que a ama falando “Eu te amo”, depois troca. Depois, trocam-se as duplas, a primeira pessoa da dupla fala “Eu te amo” enquanto a outra responde com “Eu te odeio”, depois troca, quem fala o que. Esse exercício auxilia o aluno a entender como ele pode acessar algumas emoções.

Exercício 3: 30 minutos. Cada pessoa (ou duplas e trios), deve escolher uma história já existente, que estará no centro da roda. A história será lida para a turma pensando em quais emoções ela pode ser narrada.

Aula 5: Apresentação das histórias.

- Objetivo Geral: Observar a narração de cada aluno ao apresentar sua história.
- Metodologia:

Apresentação: 60 minutos. Cada aluno deverá apresentar sua história para a turma.

Responder o questionário final e a auto avaliação.

- Avaliação: Avaliar as escolhas dos alunos ao construírem suas narrativas, observando como eles lidam com um público, e o desenvolvimento deles da primeira aula para a última. Conversa nos últimos minutos para ver o que os alunos acharam do processo, se tem alguma sugestão ou crítica, e os pontos chaves que eles se encontraram como contadores de histórias.

APÊNDICE 2**QUESTIONÁRIO INICIAL**

1. Qual a sua experiência de teatro? Já fez aula ou assistiu algum espetáculo? Descreva um pouco sobre.
2. Você sabe o que é a contação de histórias? Sim Um pouco Não
3. Você se considera um contador de histórias?
4. Você exercita a prática da leitura de forma regular, para além da obrigatoriedade da escola? Por exemplo, leitura de histórias em quadrinhos, livros, revistas, fanfics.
 Sim Um pouco Não
5. De maneira geral, o que você gostaria de ler nas aulas?
6. Você exercita a prática da escrita de forma regular, para além da obrigatoriedade da escola? Por exemplo, redações, poemas, histórias, músicas.
 Sim Um pouco Não
7. De maneira geral, o que você gostaria de escrever nas aulas?
8. Você prefere ler ou escrever? Tem alguma expectativa para as próximas aulas acerca do desenvolvimento da sua escrita/leitura?

APÊNDICE 3**QUESTIONÁRIO FINAL**

1. Durante as aulas, teve algum momento/exercício que você gostou mais? Descreva o exercício e o que você sentiu realizando.
2. Para você, qual foi o momento ou atividade mais desafiadora das aulas de Teatro? Descreva, por favor.
3. Você considera que as nossas aulas te trouxeram conhecimentos/habilidades para a sua leitura e escrita? Sim, não, talvez. Fale sobre.
4. De maneira geral, você acha que as aulas te ajudaram a desenvolver um desejo de leitura? Por quê?
 Sim Um pouco Não
5. De maneira geral, você acha que as aulas te ajudaram a desenvolver sua escrita? Por quê?
 Sim Um pouco Não
6. Fale um pouco sobre a sua experiência nas aulas, como foi o seu processo, a sua relação com a prática da contação de histórias e, se os exercícios propostos possam ter ajudado na sua leitura e escrita

APÊNDICE 4**AUTOAVALIAÇÃO**

1. Você participou ativamente nas aulas?
()Sim ()Parcialmente ()Não
2. Você foi assíduo e pontual nas aulas?
()Sim ()Parcialmente ()Não
3. Você desenvolveu os objetivos propostos nas aulas?
()Sim ()Parcialmente ()Não
4. Você realizou as atividades propostas de maneira satisfatória?
()Sim ()Parcialmente ()Não
5. Você adquiriu as habilidades previstas ou desejadas nas aulas?
()Sim ()Parcialmente ()Não
6. Com relação ao que foi abordado nas aulas de teatro, seus conhecimentos sobre o assunto foram ampliados?
()Sim ()Parcialmente ()Não
7. Você construiu reflexões com base na sua própria experiência nas aulas?
()Sim ()Parcialmente ()Não
8. Como que você avalia sua participação nas aulas de teatro com base no que foi desenvolvido e proposto.
9. Algum comentário ou sugestão em relação há como foi desenvolvido e aplicado os exercícios nas aulas? Como que você avalia a prática docente do professor nas aulas realizadas?